

# Negócios com conversão informal agitam o mercado

Desde outubro um vendaval começou a sacudir a economia brasileira animando investidores, aguçando o interesse de corretores e estimulando a criatividade do mercado: a conversão informal da dívida externa. Enquanto o Banco Central perdia meses para expedir um projeto de conversão e outros meses para marcar a data do primeiro leilão — que será no próximo dia 29 — o mercado começou a criar todo o tipo de atalho para contornar as restrições legais e encontrar brechas na legislação.

Em sofisticadas operações, matrizes têm investido em suas filiais através de compras de títulos de dívidas a vencer e resgatadas junto aos devedores no Brasil, bancos estrangeiros têm aumentado o capital de suas agências no país, e ainda especuladores têm se aproveitado do deságio trazendo os títulos, resgatando com um desconto mínimo e remetendo ao exterior pelo mercado paralelo do dólar. As formas são as mais variadas, e o volume até agora desconhecido.

“Já ouvi estimativas que variam entre um e cinco bilhões de dólares”, diz Johnny Carioca diretor da área externa do Multiplic. O advogado Durval Noronha faz uma estimativa de 250 milhões de dólares, por mês, desde outubro, mas atesta que viu em publicações estrangeiras que o volume pode ter chegado a US\$ 5 bilhões de dólares. O presidente de um banco de médio porte aposta na cifra de CZ\$ 5,4 bilhões de dólares e dá o seu testemunho: “Eu já fiz US\$ 360 milhões de dólares e devo fechar em breve outro negócio grande”. O Banco Central no entanto só tem conhecimento de que exatos CZ\$ 211 milhões de dólares foram apagados dos seus registros e acredita que

esse é o volume do que foi feito de conversão informal no país nos últimos meses.

“A conversão é o filho pródigo da crise da dívida”, diz Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do Banco Central. Um executivo de um grande banco americano que atua no Brasil acha que a conversão provocará a maior mudança já vista no mercado financeiro do país. Pela via formal o Banco Central recebeu, no ano passado, pedidos de conversão de 800 milhões de dólares, até 20 de julho. Conseguiu deliberar sobre magros 200 milhões de dólares. Depois de 20 de julho entraram no guichê do Banco Central pedidos de 1,7 bilhão de dólares. O Banco Central, na semana passada, determinou que todos esses pedidos fossem reapresentados mediante as novas normas.

No mercado informal, algumas conversões se transformam em investimentos que aquecem a economia paralisada pela pasmaceira da falta de poupança no país. Outras são apenas lucros para os mais espertos. No guichê do Banco Central ficam presos pedidos de legítimos interessados em investimentos no país. Tudo junto prova, na opinião do diretor da União de Bancos Suíços, Josef Blaser, “que investir no país vale a pena”. Mesmo que tudo isto tenha começado, como lembra Langoni, “no ano da moratória e da Constituinte”.

E por mais uma dessas ironias do mercado, a conversão, seja qual for a via, se tornou possível graças à moratória que aumentou o deságio dos títulos da dívida e tornou atrativos os negócios da conversão. Por essa via transversa, o maior problema nacional, a dívida externa, é hoje também a maior fonte de negócio no país.